

FATOS E NOTAS

OS JOVENS QUEREM COLABORAR (*)..

Em um Congresso de História, quando se reúnem tantos profissionais da própria História — professores e pesquisadores — bem como das demais esferas do conhecimento que, imersos na realidade da existência humana e engajados nos processos que nela se desenvolvem, sentem a importância e a necessidade crescentes de prescrutar o passado em busca de respostas aos desafios que a realidade lhes apresenta, não se poderia deixar de ressaltar a imensa importância desse ramo do conhecimento humano para o entendimento de uma realidade que passa por transformações econômicas, sociais e políticas cada vez mais rápidas e incontornáveis.

O jovem de hoje sente mais que ninguém a rapidez de tais mudanças. Sente-se num mundo fluído, em que precisa tomar atitudes e estabelecer posições para sua ação. Vê-se no entanto na incapacidade de interpretar corretamente a realidade global que o envolve, a fim de poder adequadamente situar-se para agir. Sente, por outro lado, a necessidade de participação ativa nos processos de mudança que se estão desenvolvendo. É preciso “construir” passo a passo a nova realidade que se forma, e para isso são chamados todos os profissionais, de todas as especialidades. O jovem **quer** colaborar, quer dar a sua parcela de trabalho para a formação da nova ordem. Ele é porém, imaturo e muitas vezes incapaz profissionalmente. Na Escola, na Universidade, adquiriu conhecimentos gerais, não objetivos, sem uma maior especialização e sem um senso crítico mais acurado. Muitas vezes precisa suprir autodidaticamente tais deficiências e, falto de orientação, erra muitas

(*) . — Dentre as moções apresentadas e aprovadas na Sessão Magna de encerramento do Congresso de História Comemorativo do Bi-centenário da Transferência da Capital do Brasil, que se realizou na cidade do Rio de Janeiro, de 12 a 20 de agosto deste ano — que serão publicadas nos próximos números da Revista de História — julgamos oportuno antecipar o apêlo da jovem universitária baiana, Senhorinha Antonieta de Aguiar Nunes, esperando que tenha a mesma, ou melhor ainda receptividade encontrada naquele importante conclave (Nota da Redação).

vêzes e tem que recomeçar novamente. Surgem conflitos entre aquilo que êle sente **dever** fazer e aquilo que êle **pode** realmente fazer.

E' a posição dêsses jovens que desejo expressar aqui.

Estamos vivendo num Brasil cuja realidade está em rápida e contínua mudança. Precisamos ter uma visão global desta realidade, que nos capacite a entender os processos em desenvolvimento. Necessitamos conhecer a evolução histórica dos processos que conduziram à situação atual e as tendências que existem no momento presente, a fim de que possamos melhor orientar a nossa ação, dirigindo-a para onde ela seja realmente útil e necessária.

E ninguém melhor que o historiador para nos ajudar na construção de uma visão global desta realidade, na interpretação dêsses processos em mudança. A História não é senão um conjunto de respostas que são procuradas para as perguntas que o presente faz ao passado, a fim de ter um melhor entendimento do que ocorre nos dias que se passam. O historiador, melhor que ninguém, conhece como as virtualidades de uma época se tornam em potencialidades na época que imediatamente se lhe segue. Êle pode, com o auxílio de generalizações das diversas ciências sociais, inferir certas leis gerais de desenvolvimento que podem constituir uma fonte fecunda de hipóteses para o entendimento da realidade presente em mudança.

Exatamente pelo seu papel estratégico o historiador não pode negar a sua colaboração. Torna-se necessário que êle medite sôbre a realidade e analise-a de modo a identificar os setores em que as mudanças ocorrem com maior intensidade. Para êstes setores deve êle dirigir primariamente a sua atenção. Deve estudar a evolução dos processos em curso e procurar fazer um diagnóstico da situação atual, identificando as variáveis importantes de cada problema, a direção que toma, tendências que apresenta, etc.

Para tal faz-se mister no entanto, uma maior integração do historiador com os especialistas das demais ciências sociais — todos interessados nos mesmos problema cruciais do presente — pois havendo um trabalho em conjunto, em equipe, o mesmo problema é estudado nos seus vários ângulos e aspectos e se pode formar uma visão mais completa e objetiva da realidade que nos cerca. Mas não deve ser apenas uma integração no plano teórico. Ela deve se estender também ao plano metodológico. As técnicas de pesquisa não são propriedade

desta ou daquela ciência que costuma usá-las mais freqüentemente. Elas, pelo seu caráter instrumental, têm a capacidade de poderem ser usadas por diversas ciências. E o historiador para formular respostas mais completas e mais exatas possíveis, deverá sair das técnicas estritamente cronológicas, histórico-comparativas, pesquisa apenas em documentos, e usar, para uma maior dinamização do seu estudo, técnicas de outras ciências sociais como entrevistas, questionários, formulários, tabulação de dados, etc.

E isso não apenas quanto aos temas novos. E' preciso também rever os enfoques e as perspectivas de estudo dos temas já bastante tratados, de modo a melhor adequar suas conclusões ao entendimento da realidade presente.

Com isso o historiador passará a ter um lugar importante e verdadeiramente estratégico no mundo mutante em que vivemos. Os resultados de suas pesquisas, de seus trabalhos, não serão guardados a sete chaves, publicados apenas por revistas especializadas e manuseados somente por especialistas. Não, as suas conclusões vão dar ao político, ao homem de ação em qualquer setor, linhas de orientação para uma atuação sôbre a realidade mais racional e mais adequadamente planejada.

Porém, para que seu esforço não seja de balde, o historiador precisa de um aparato institucional que o auxilie e apóie, que entre em contacto com as instituições dos diversos ramos das ciências sociais e as várias instituições governamentais e particulares, reúna os esforços isolados de cada um aproveitando-os e tornando-os úteis, de modo a não se dissipar todo o trabalho tido.

O que notamos no Brasil de hoje é que Instituições ligadas ao estudo e ensino de História existem, mas não acompanham com a mesma velocidade as mudanças que ocorrem no país. E' possível, no entanto, empreender uma renovação dessas instituições no sentido de uma maior dinamização das mesmas, de uma maior integração com as demais instituições que estudam os problemas do país, de um melhor aproveitamento dos — poucos embora — recursos que possuem, de uma maior adequação à realidade do nosso país e do nosso povo.

Assim é que

Considerando ser o Brasil um país que está passando por mudanças rápidas e continuadas;

Considerando a importância do historiador para ajudar no entendimento dessas mudanças e fornecer conhe-

...cimentos que possam orientar a ação governamental e privada;

Considerando a inadequação com esta realidade de muitas instituições ligadas ao ensino e estudo de História, que mudam mais vagarosamente que os diversos processos em curso,

Sugerimos que este Congresso recomende:

Uma maior dinamização dos professores de História e instituições ligadas à História no sentido de:

- 1). — estudo dos temas mais diretamente motivados pela realidade;
- 2). — maior integração dos especialistas de História com os demais cientistas sociais, tanto no campo teórico quanto no metodológico;
- 3). — ensino mais objetivo da História de modo a poder capacitar os jovens a:
 - a). — entender as situações da realidade que o circunda;
 - b). — orientar-se no mundo em que vive — tanto em relação ao seu país como aos demais países do globo;
 - c). — poder discernir onde é necessário realizar êle a sua tarefa, dar a sua contribuição para o bom funcionamento da ordem social em que vive.

ANTONIETA DE AGUIAR NUNES

Representante do Centro de Estudos Históricos Brás do Amaral, da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia.